Estudos da Comunicação: um paradigma para o século XXI[*]

Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Questão da técnica moderna

Em 1953, Martin Heidegger (1889-1976) buscava "abrir nosso ser *(Dasein)* à essência da técnica". Essência esta que "não é absolutamente nada de técnico" (1973: 9). Seu texto *A questão da técnica* é famoso, muito citado e pode ser visto como uma retomada dos diversos pontos sobre o tema que ele vinha desenvolvendo desde o final dos anos 1930.

Para ele, ao contrário de uma concepção instrumental e antropológica, "a técnica não é apenas um meio: ela é um modo do desvelamento" (p. 18). Este é o *link* de acesso à técnica moderna e à busca de sua essência, uma vez que o desvelamento que a rege "é uma pro-vocação mediante a qual se ordena à natureza que libere uma energia que, como tal, possa ser extraída e acumulada" (p. 20). A pro-vocação moderna das energias naturais (no sentido da máxima utilização ao menor custo) não ocorreria, por exemplo, no trabalho do camponês, sob outros aspectos também imerso na técnica, pois este "não pro-voca a terra cultivável. Quando semeia, confia a semente às forças de crescimento e cuida para que prospere" (p. 21). E mesmo um velho moinho de vento, isto é, uma máquina fabricada, quando "coloca a energia do ar à nossa disposição, não faz isto para acumular" (p. 20). Já a técnica moderna, ao contrário, "interpela" a energia escondida na natureza

para que seja liberada, e "quando o que é assim obtido é transformado, quando o transformado é acumulado, o acumulado por sua vez repartido e o repartido de novo comutado", então, temos seus "modos do desvelamento", que são: obter, transformar, acumular, repartir e comutar (p. 22).

"Quem realiza esta interpelação pro-vocante, mediante a qual o que chamamos de real é desvelado como fundo[1]? O homem" – pergunta e responde Heidegger. Mas o homem enquanto aquele que é "pro-vocado de uma maneira mais original que as energias naturais". Pro-vocado a quê? A "requisitar" (Bestellen) (p. 24s), o que é um dos modos do desvelamento "que o pro-voca a abordar a natureza como um objeto de pesquisa". E este chamado pro-vocante a que o homem se junte à tarefa de "requisitar como fundo o que se desvela" é pensado por ele como Arrazoamento, ou Com-posição (Gestell), que é justamente "o modo de desvelamento que rege a essência[2] da técnica moderna" (p. 27s). Então, se, por um lado, o homem, "em todo seu ser é sempre regido pelo destino do desvelamento" – o que não é, para ele, uma fatalidade, mas sim o que o torna "livre" na medida em que "é incluído no domínio do destino e, assim, torna-se um homem que escuta, e não um servo a quem comandam" (p. 33) –, por outro, a técnica moderna é o que arrazoa a natureza, o que exige "que ela dê sua razão", como explica seu tradutor francês (p. 26n).

Neste sentido, o que ameaça o homem moderno não provém das máquinas, mas do fato de que o reino do Arrazoamento, da Com-posição, traz junto a "eventualidade de que ao homem possa ser recusado voltar a um desvelamento mais original e, assim, ouvir o chamado de uma verdade mais inicial" (p. 38).

Calcada em elementos como esses, a abordagem heideggeriana propõe uma verdadeira "desconstrução da Modernidade", pois nela o homem se definiria como um "funcionário da técnica", cujo objetivo é exercer uma "vontade de vontade", dominar todas as energias naturais e apenas funcionar para funcionar: tudo funciona e cada funcionamento engendra sempre e somente um novo funcionamento (Ferry, 1999: 426).

Técnica: embargo ao pensamento

Hannah Arendt (1906-1975), aluna de Heidegger, diagnosticava em 1958 que: "Recentemente, a ciência vem se esforçando para tornar 'artificial' a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho

da natureza". Isto é, para ela, uma verdadeira "rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada". O homem moderno pareceria desejar trocar um "dom gratuito vindo do nada [...] por algo produzido por ele mesmo" (1981: 10). O grave dessa operação está em que "o desaparecimento do mundo tal como dado pelos sentidos" fez também desaparecer junto com ele "a possibilidade de transcender-se o mundo material em conceito e pensamento" (p. 301) – o que é o perigo maior, pois se não há uma transcendência garantidora para pensar, como pensar?

> Onde antes a verdade residira no tipo de *theoria* que, desde os gregos, significara a contemplação do observador que se preocupa com a realidade aberta diante de si e a recebe, a questão do sucesso passou a dominar, e a prova da teoria passou a ser uma prova "prática" – ou funciona ou não (p. 291).

São os novos cientistas, que, já se organizando em sociedades especializadas no século XVII, passam a substituir a observação pelos sentidos por critérios matematizantes, criando elementos jamais antes encontrados na natureza. O resultado desse processo será que, no século XX,

> (...) o mundo da experimentação científica sempre parece capaz de tornar-se uma realidade criada pelo homem; e isto, embora possa aumentar o poder humano de criar e de agir, até mesmo de criar um mundo, a um grau muito além do que qualquer época anterior ousou imaginar em sonho ou fantasia, torna, infelizmente, a aprisionar o homem – e agora com muito mais eficácia – na prisão de sua própria mente, nas limitações das configurações que ele mesmo criou (p. 301)[3].

Para Hannah, a situação grave de embargo à atividade de pensar que ocorria em seu momento se devia, então, a esse inevitável primado do "otimismo acrítico e aparentemente indiferente de uma ciência em contínuo progresso".

⋆ ⋆ ⋆

No final do século XX e início do XXI, a via heideggeriana continua rendendo frutos em muitas tentativas de reflexão a respeito do ambiente sociotecnológico em que vivemos e somos produzidos. O filósofo francês Jean-Luc Nancy (1940-) reconhece que estamos numa época de mutação, em que um tipo de civilização terminou no interior do próprio Ocidente – o que não deve ser lamentado, pois, na verdade, pode engendrar um mundo novo a partir do entendimento de que "o mundo não tem outro sentido ou fim senão ser seu próprio sentido ou seu próprio fim – para o melhor ou para o pior" (2002a: 54). Entretanto,

> (...) nada é mais natural, não há senão a técnica. A técnica não é forçosamente ruim, mas ela não produz um mundo novo. E nossa questão é que não haja um mundo novo. Havia um mundo novo para o mundo antigo, que foi a América, mas agora estamos todos num velho mundo – e esse mundo já não é mais exatamente um mundo (2002b: 7).

Outro filósofo, este brasileiro, Marcio Tavares d'Amaral (1946-), ao tratar das crises do fundamento, da representação e da referência, ocorridas do século XIX para cá, diz que vivemos hoje numa "cultura tecnológica" em que saber *(logos)* e fazer *(téchne)* não mais se separam a ponto de a tecnologia começar a se destacar da intencionalidade humana e as máquinas passarem a "valer mais que os homens" (2002a: 297). É o "supremo triunfo da Razão no modo da Ciência, forma então exclusiva da Verdade". Tudo passa a ser efeito de uma "com-posição" que constitui um embargo à Transcendência (300). Decorreria daí que:

> No regime tecno-lógico que veio a ser o nosso, não é impossível que estejamos vivendo num mundo de *sinais* – que assinalam disponibilidades de uso e de consumo – e não mais de *sentidos* – que implicam na partilha do comum *entre dois,* que solicitam a verdade. Que o reino da *informação,* que é o nosso, já não seja compatível com *comunicar,* pôr em comum. Que a virtualidade informacional seja para nós hoje *todo o Real que há* (p. 302).

Atividades mentais: inflação da razão

Mas outros modos de pensar ocorriam concomitantemente à via heideggeriana. Vejamos alguns exemplos – que podem ser multiplicados –, escolhidos por sua proximidade com a área dos estudos da Comunicação.

O pesquisador americano dos Bell Laboratories, Claude Shannon (1916-2001), publica em 1948 um artigo seminal em que demonstra a unidade essencial de todos os meios de informação – texto, sinais telefônicos, ondas de rádio, figuras, filme, etc. – na medida em que puderem ser codificados na linguagem universal dos dígitos binários, os *bits* (termo que tem aí seu primeiro registro impresso). Sua idéia era que, uma vez a informação digitalizada, poderia ser veiculada sem erro (se mantida abaixo do limite de velocidade da transmissão). John von Neumann, Alan Turing e outros depois propiciaram a existência de computadores capazes de *processar* informação, mas é Shannon quem traz esta moderna *concepção* de informação (Waldrop, 2001). Assim, possibilita-se o passo que muitos buscavam para traduzir eletronicamente a dinâmica humana do campo do sentido e do processo da significação, onde predomina a continuidade (Eco, 1971: 20s), para o universo das máquinas, caracterizado pelo sinal enquanto série de unidades discretas computáveis em bits de informação.

Na década de 1950, vários pesquisadores publicavam textos sobre a oralidade, a escrita e a mídia na revista canadense *Explorations in Communication* – co-dirigida por alguém bastante conhecido hoje, Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) –, considerando os meios de comunicação como extensões do homem. A palavra e a escrita eram vistas como tecnologias que atravessavam um momento especial em que o avanço das técnicas audiovisuais e a planetarização do mundo, a "aldeia global", descortinavam um futuro de transformações importantes e interessantes que modificariam para sempre todas as concepções de *humano* que vigoraram até então. Para eles, homem e tecnologia já não mais podiam se dissociar.

Na mesma década, o engenheiro e matemático Abraham Moles (1920-1992), está trabalhando num projeto que chama de "ecologia da comunicação", em que se utiliza das análises de Norbert Wiener (1894-1963), o fundador da Cibernética (ciência do comando e do controle na interação entre homens e máquinas). Ele dirá, no final dos anos 1960, algo que define bem esse outro modo de pensar e

aponta para perspectivas bastante diversas daquelas decorrentes das considerações heideggerianas:

> Atualmente, a idéia de funcionalidade recobre a integração do objeto e do homem que o utiliza num sistema coerente: ele se vê à vontade nesse meio artificial que se tornará seu verdadeiro meio à medida que a "Natureza" se transforma em vestígio histórico.
> [...]
> Assistimos, na sociedade contemporânea, a uma *inflação da razão*. São os valores de imaginação comuns ao pensamento científico e ao pensamento artístico que doravante ocupam o primeiro plano da cena de nossas atividades mentais (Moles e Noiray, 1969: 502s e 524).

A percepção da queda dos fundamentos, do sentimento generalizado de que tudo ocorre numa imanência intransponível e do conseqüente desfazimento das fronteiras que antes pareciam garantir as especialidades dos vários campos de saber, esta percepção não parou de aumentar nos últimos cinqüenta anos. E propiciou, sobretudo a partir da década de 1980, a sistematização e o aperfeiçoamento de áreas de reflexão que incluíam em suas articulações – e mesmo em seus axiomas – muitos raciocínios que só puderam ser avançados e desenvolvidos em função do que a crescente expansão tecnológica despejava no mundo. Inusitadas configurações mentais e sociais se aprontavam e podemos dizer que, ao contrário do que fora mais corriqueiro antes, não decorriam de pensamentos produzidos por saberes tradicionais (filosofia, psicologia, sociologia, economia, etc.), mas estes é que se viam obrigados a correr atrás dessa outra dinâmica para dar alguma conta dos novos fatos que se impunham inexoravelmente ao cotidiano da vida no planeta.

O artificialismo freudiano

Mas há também uma tradição que se delineia no finalzinho do século XIX, quando os saberes estão se renovando de modo nunca antes visto e galgando degraus que, segundo alguns, resultariam no fim da Modernidade e no início de um mundo Pós-Moderno... Tradição esta inaugurada por

Sigmund Freud (1856-1939), o qual, já bem avançado em seu percurso teórico, ocupado com o *Mal-estar na cultura* (1930), diz que, "através de cada instrumento, o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento" (1976c: 110), o que o torna "uma espécie de 'Deus de prótese'"[4] (p. 111) e que, no futuro, a "semelhança do homem com Deus" só tende a aumentar (p. 112). Mesmo admitindo que o homem não se sente feliz com esta semelhança – é uma das razões do mal-estar –, sua aposta na psicanálise como terceira revolução, depois da copernicana e da darwiniana, sempre ressaltou o caráter *protético* que a constitui desde o início como nova teoria da mente e construto prático de intervenção clínica individual e cultural. Basta lembrar que ele concebe a vida mental como função de um aparelho extenso no espaço, composto de várias partes e imaginado como "semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero" ([1938]1975b: 169).

A difusão tecnológica se dá, portanto, lentamente no início do século XX, mas bem mais rápido que no século XIX. Até que, como dissemos, a partir dos anos 1980 passa a acelerar-se em progressão geométrica. É claro que inúmeros novos problemas surgem e parecem aumentar a cada dia. É importante retomar agora a questão da técnica, pois, mesmo que soluções não sejam visíveis a curto ou médio prazo, não vemos por que abordar a tecnologia e seus efeitos com noções e conceitos claramente inoperantes diante das ocorrências do mundo contemporâneo. Não cabe, de modo algum, desdenhar os esforços e os achados de inúmeros pensadores sem os quais seria impossível entender mesmo isto que estamos colocando agora, mas a tarefa urgente é de preferencialmente aprofundar tradições que indiquem vias de aperfeiçoamento das reflexões produzidas nos últimos cinqüenta anos e que efetivamente possibilitem intervir em seus desenvolvimentos. Só assim, nossa estranheza e nosso mal-estar terão condições de se manifestar mais adequadamente, e não mediante o reforço de sintomas de caráter retrogressivo que, quando não analisados a tempo, instalam-se pesadamente e passam a ser duros empecilhos para tratamentos mais desenvoltos dos problemas (e das soluções).

Parece-nos, pois, bem mais produtivo investir no entendimento das conseqüências do que, por exemplo, escreve Peter Sloterdijk (1947-) ao tratar dos saberes ligados à teleinformática e às biotecnologias do século XXI: "Os seres humanos não se encontram com nada de novo quando se expõem à própria criação e manipulação, e

não fazem nada perverso quando se auto-modificam tecnologicamente" (Sibilia, 2002: 130)[5].

O que apresentamos até aqui visa não só recensear minimamente alguns enfoques dados ao tema da Técnica, mas, sobretudo, descartar certas matrizes de pensamento evidentemente sem maior serventia hoje, embora ainda bastante atuantes. Isto, como requisito para considerarmos um campo que, na década de 1980, reformata o aparelho teórico-clínico da psicanálise em função da nova dinâmica que permeava todos os setores da vida mental, social e econômica. Era evidente que a psicanálise não podia continuar assentada em todas as mesmas bases utilizadas até então. Se, desde o início do século, estas bases serviram para introduzir um outro modo de entender e intervir na cultura, nos últimos 20 anos, diante do que se afigurou como presença planetária da tecnologia, tornou-se necessário repensar tudo. Não havia nada de muito complicado nisto, pois a psicanálise só foi concebida assumindo-se como processo (infinito) de análise da própria psicanálise. Assim, depois do início com Freud, veio Jacques Lacan (1901-1981) continuar o trabalho de abstração buscado por sua teoria, liberando-a de muitos aspectos comportamentais e circunstanciais que a estavam atravancando. Não foi ele o único a realizar esta tarefa, mas com ele foi levada a um ponto máximo em seu tempo. Feito este trabalho, logo após sua morte, muitos viram a necessidade de outros passos capazes de mais abstração.

Um novo paradigma: a Transformática

No Brasil, então, a partir de pesquisas iniciadas na década de 1970, temos a reformatação que veio a ser chamada Nova Psicanálise a partir de 1986, e, em 1998, renomeada NOVAmente por seu criador, MD Magno (1938-) – que continua em desenvolvimento e interessando pesquisadores de diversas áreas. Nosso objetivo é, segundo este novo escopo psicanalítico, abordar o tema da Técnica, entendida como Arte (*Art:* articulação, artifício), no sentido de aprofundar os estudos na área que aí se inaugura com o nome *Transformática* e postula duplamente que a "psicanálise é uma teoria genérica da comunicação" e que "uma teoria da comunicação só pode ser psicanalítica" (Magno, [1996]).

De saída, vejamos uma citação que, em 1989, retoma de modo didático a posição da Nova Psicanálise quanto ao tema da Técnica:

> Freud (...) podia encontrar algum mistério, alguma ignorância dele mesmo aqui e ali, mas insistia em que, se refletíssemos, acabávamos achando como as coisas se comportavam e um modelo qualquer que pudesse dar conta do processo em curso numa emergência qualquer, e até intervir nesse processo de maneira a produzir algo da ordem de um artifício *eficaz*. Ou seja, ele era um tecnicista no sentido grego arcaico de *téchne,* arte, produção, invenção, artificialismo. Enfim, Freud já era um excelente artificialista e me recuso a entender que qualquer via psicanalítica, que possa se sustentar como tal, tenha qualquer laivo de naturalismo. Se ele fosse um naturalista, não iria dizer a "asneira" – seria uma asneira do ponto de vista naturalista – da sexualidade infantil, por exemplo. É preciso ter toda uma transa técnica artificialista com a criança para sacar que aquilo era função sexual (Magno, 1989: 215-6).

É a tradição freudiana assim vista que a posiciona em sua permanência como prática adequada para pensar e intervir nas questões do século XXI. Isto, segundo modelos construídos a partir de seu laboratório clínico e segundo uma práxis própria de "invasão de Inconsciente para Inconsciente", que considera tudo que acontece, tudo que há – o *Haver* – como "Inconsciente puro em movimento e em articulação" (p. 216).

Um dos importantes postulados da Nova Psicanálise é: "tudo que se manifesta (desde uma fala até um acontecimento dito natural) é da ordem do conhecimento". O que o chamado louco diz é conhecimento tanto quanto as afirmações de um cientista, cabendo apenas discernir os níveis e os modos de operação a que são pertinentes. O mesmo valendo para a existência espontânea do ar, das pedras, das montanhas, da gravidade, que também nos "dizem" coisas que, uma vez entendidas em seu nível próprio, propiciam, por exemplo, a construção da física, da geologia, da cosmologia, etc.

É neste sentido que a pragmática psicanalítica força a diluição das fronteiras, situando-se assim em estreita consonância com o pensamento contemporâneo em sua busca de elementos novos e produtos concretos (artifícios) que possibilitem passagens entre discreto/contínuo, digital/analógico, hardware/software, homem/máquina, etc., tornando a insistência na manutenção de fronteiras incompatível com as ultrapassagens de limites que vemos ocorrer em todas as áreas de conhecimento. Justamente o que a

clínica psicanalítica – *Clínica Geral* (das pessoas e da cultura), como chama a Nova Psicanálise – constata a cada momento são os constantes vazamentos e porosidades entre todos os campos de consideração dos fatos. Por exemplo, porosidade entre *Téchne* e *Logos,* e não separação (tecno-logia) como angustiadamente quer sustentar a via de inspiração heideggeriana.

Em função da atual disponibilidade de dispositivos de arquivamento que se aperfeiçoam e se tornam mais acessíveis e acessáveis, podemos considerar a tecnologia como possibilitadora da implantação de modos de análise que operam tanto com novos dados que chegam a todo instante, quanto com outros que estariam sendo impedidos de chegar, mas cujos efeitos também se presentificam ainda que como sintoma (ruído) denunciador de que é preciso levá-los em conta, caso contrário passam a ser obstáculos a um melhor fluxo dos dados. Os procedimentos de *simulação* em uso atualmente são um bom exemplo de como operar com este segundo tipo de fluxo (recalcado) dos dados, na medida em que podem criar situações alternativas virtuais sem modificar a situação em vigor. Isto é importante, pois, em muitos casos, pode funcionar como eliminador de ódios e raivas dirigidos a certos itens que supostamente seriam destruidores se lhes fosse permitido entrar em vigor, mas que, uma vez simulados, podem se revelar mais adequados para a solução de certos problemas da própria situação vigente. É esta operacionalidade – de caráter político mesmo – que conceitos como o de Recalque e, sobretudo, o de Retorno do Recalcado, tal qual aperfeiçoados por Freud e retrabalhados pela Nova Psicanálise, sempre exigiram como condição para mapear ao máximo os *jogos de poder* atuantes nas formações mentais e sociais que se busca analisar.

Daí, tomarmos a *Análise clínica das formações* – já descrita em outro artigo (1999) – como o instrumento mais adequado para guiar nossa abordagem da Técnica. Ela está referida ao axioma pulsional criado por Freud (1920) e re-lido pela Nova Psicanálise como: "Haver quer não-Haver" (a vocação de tudo que há [Haver] é movimentar-se no sentido de sua própria extinção [não-Haver]: como não a atinge, permanece eternamente revirando em oposições e avessamentos) –, ou seja, está referida a uma abstração que trata *qualquer* formação e seus conteúdos, por mais universais que pareçam, como circunstanciais (ainda que durem milênios), sintomáticos e passíveis de análise, pois são meros efei-

tos de a Pulsão não atingir sua (impossível) anulação absoluta. Esta análise não pressupõe, no Haver, diferença material entre *res extensa* e *res cogitans,* mas sim "diferença de posição, de arranjo, de região, de séde ou de aparelho de produção da extensionalidade ou do pensamento", decorrendo daí que: "O que se pensa *in factura* é análogo ao que se pensa *in natura*" (Magno [1991]: 135).

Era das Próteses

Vejamos um pouco como se entende o conceito de *Prótese* na Nova Psicanálise. No axioma pulsional – "Haver quer não-Haver" – já temos postulada a Prótese como anterior aos opostos que se manifestam no Haver. Uma vez que o não-Haver é inatingível – pois, como o nome diz, ele não há –, de saída o que há é o Haver como afirmação pura. Se isto puder ser aceito, poderemos também supor uma disponibilidade (e não imperativo, obrigação ou dever) para os humanos de fazer a oposição fundamental entre a tese do Haver (conjunto aberto de todas as teses e antíteses que existem ou venham a existir) e a anti-tese não-havente do não-Haver (Impossível Absoluto). Nesta oposição fundamental, suspendem-se todas as oposições (diferenças) de "dentro" diante de um requisitado "fora" (que não-há), constituindo-se assim um lugar terceiro (sem síntese), originariamente protético, neutro, in-diferenciado, a partir do qual escolhas (artifícios protéticos) serão possíveis em função das articulações do momento.

Chamar, então, o momento que vivemos de Era das Próteses, isto supõe estar havendo atualmente uma referência bastante generalizada (e mesmo incontrolável) a esse lugar que in-diferencia os sentidos já estabelecidos nas situações. Mas é preciso dizer mais, pois é porque (e só porque) há passagem por esta in-diferenciação que ocorre o que se costuma chamar de *Criação* e a conseqüente produção de novas Próteses. Portanto, Prótese (artifício), no sentido forte que lhe dá a Nova Psicanálise, é resultado de Criação por analogia à Prótese inicial, não se confundindo com a produção de *gadgets* tecnológicos, que resultam da mera combinatória de dispositivos já existentes. Aqui, sim, poderíamos estabelecer bases para uma crítica consistente não à Tecnologia, mas às suas apropriações quando hegemonias se impõem calcadas no que é produzido enquanto fetiches preconfigurados e reiterados pela cultura. Com isto, o que se apaga é a referência ao processo criador mencionado por Sloterdijk, que, este, não

é estacionário e supõe o trânsito por *todas* as configurações. Quando esta referência é mantida, as escolhas (quanto a produtos e seu consumo, p.ex.) podem ser feitas, conforme dissemos no parágrafo anterior, segundo avaliações que consideram ao máximo o que é mais *adequado* às situações em jogo em dado momento.

Então, para pensar a "Questão da Técnica" nos termos do que nossa contemporaneidade vem exigindo, não cabe lamentar o esquecimento do "chamado de uma verdade [grega] mais inicial" (Heidegger) ou o fim da "possibilidade de transcender-se o mundo material em conceito e pensamento" (Arendt). É mais o caso de se investir no entendimento e na referência ao processo de In-diferenciação que (queiramos ou não) parece estar se efetivando de modo cada vez mais inevitável atualmente. Este processo ocorre (para bem ou para mal) diante da instransponível oposição última entre Haver e não-Haver. É daí que Próteses podem se discernir como Criação passível de promover passos (curativos) dentro do movimento geral de tudo que há.

Notas

⋆ Trabalho realizado para o projeto de pesquisa "Artificialismo total: comunicação, psicanálise e maneirismo na era das próteses", do "**...etc.** – Estudos Transitivos do Contemporâneo" (Grupo de Pesquisa/CNPq).

1. Fundo, mais que estoque, é "a maneira pela qual está presente tudo que é atingido pelo desvelamento que pro-voca" (p. 23).
2. Essência esta que, como já mencionamos, "em si mesma, não é nada técnica" (p. 28).
3. Esta maneira de entender se baseia nas leituras que Hannah faz do que Werner Heisenberg (1901-1976) e Erwin Shrödinger (1887-1961), entre outros, escrevem sobre as operações e condições de conhecimento propiciadas pela física e pela biologia do século XX.
4. Esta indicação freudiana serve de referência a Bruno Mazlich (1993) para propor uma "quarta descontinuidade", esta tecnológica, após a cosmológica (Copérnico), a biológica (Darwin) e a psicológica (Freud).
5. Entender estas conseqüências é o que interessa, e não, como se fez em relação a Sloterdijk, lançar clichês sobre o ressurgimento de nazismos – que estão ressurgindo, sim, mas nem sempre onde são identificados como tais. Aliás, se analisarmos os interesses daqueles que insistem em identificá-los em pensamentos como o de Sloterdijk, talvez encontremos onde estão realmente ressurgindo. Cf. (Sloterdijk, 2000: 59-63), sobretudo quanto "a irrupção do tablóide no suplemento cultural".

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. [1950-1957] *A condição humana.* Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

D'AMARAL, Marcio Tavares. [2001] O Futuro da Psicanálise. ALONSO, Aristides. ARAUJO, Rosane (orgs.). *O futuro da psicanálise.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002a, pp. 291-312

ECO, Umberto. [1968] *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica.* Trad.: Pérola de Carvalho. São Paulo: USP/Perspectiva, 1971.

FERRY, Luc. *La déconstruction heideggerienne de la modernité politique.* RENAUT, Alain (org). Les critiques de la modernité politique (Histoire la Philosophie Politique, vol. 4). Paris: Calmann-Lévy, 1999, pp. 399-439.

FREUD, Sigmund. [1930] *Mal-estar na civilização.* Edição Standard Brasileira, vol. XXI. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu. Título original: *Das Unbehagen in der Kultur.* Rio de Janeiro: Imago, 1976c, pp. 73-171

_____. [1938] *Esboço de psicanálise.* Edição Standard Brasileira, vol. XXIII. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu. Título original: *Abriss der Psychoanalyse.* Rio de Janeiro: Imago, 1975b, pp. 163-237.

HEIDEGGER, Martin. [1927] *L'être et le temps.* Trad. francesa: Rudolf Boehm e Alphonse de Waelhes. Paris: Gallimard, 1964.

_____. [1953] *Introdução à metafísica.* Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

_____. [1953] *La question de la technique. Essais et conférences.* Trad. francesa: André Préau. Paris: Gallimard, 1973, pp. 9-48.

MAGNO, MD. [1989] *Est'Ética da psicanálise: introdução.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

_____. [1992] *Pedagogia freudiana.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

_____. [1993] *A natureza do vínculo.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

_____. [1994] *Velut Luna: a clínica geral da Nova Psicanálise.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2000.

_____. [1995] *Arte e psicanálise: estética e clínica geral.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2000.

_____. [1996] *"Psychopathia sexualis".* Santa Maria: Editora UFSM, 2000.

_____. [1999] *A psicanálise, Novamente. Um pensamento para o século II da Era Freudiana.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

_____. [2000/2001] *Revirão 2000/2001: "Arte da fuga" e "Clínica da razão prática".* Rio de Janeiro: NovaMente, 2003.

_____. [2002] *Psicanálise: arreligião.* A sair.
MAZLISH, Bruce. *The Fourth Discontinuity;* the co-evolution of Humans and Machines. New Haven/Londres: Yale University Press, 1993.
McLUHAN, Marshall. [1954] Visão, som e fúria. LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da cultura de massas.* Rio de Janeiro: Saga, 1969, pp. 143-156.
McLUHAN, Marshall (org). *Explorations in Communication.* Boston: Beacon Press, 1972.
MOLES, A. e NOIRAY, André. *La pensée technique. Les dictionnaires du savoir moderne: la philosophie.* Paris: Centre d'Étude et de Promotion de la Lecture, 1969, pp. 496-525.
NANCY, Jean-Luc. *Y a-t-il Encore un Monde?* ART PRESS: 281, jul.-ago. 2002a. Entrevista com Claire Margat. pp. 53-59
_____. *O mundo em negativo.* MAIS!, Folha de S. Paulo: 18 dez. 2002b. Entrevista com Alcino Leite Neto, pp. 4-7.
SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. *Transformática: programa original de pesquisa em Comunicação.* LUMINA – FACOM / UFJF / MG, n° 3, ISSN 1516-0785, jul-dez 1999, pp. 79-108
SLOTERDIJK, Peter. *El hombre operable. Notas sobre el estado ético de la tecnologia genica. Artefacto, pensamientos de la tecnica.* Buenos Aires: UBA, v. 4, pp. 20-29, invierno 2001, p. 25 (Apud SIBILIA, P. op.cit., p. 130).
_____. [1999] *Regras para o Parque Humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo.* São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
WALDROP, M. Mitchell. Claude Shannon: Reluctant Father of the Digital Age. TECHNOLOGY REVIEW: julho-agosto 2001. (technologyreview.com)
WIENER, Norbert. [1950-4] *Cibernética e sociedade: o uso humano dos seres humanos.* 4ed. Trad.: José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.

Resumo

No final dos anos 40 do século XX, delineiam-se (pelo menos) dois paradigmas para os estudos da Comunicação. Um, crítico, toma a Tecnologia como causa do "esquecimento do ser" e das verdades humanas essenciais. Outro, acelerativo, investe na "inflação da razão" e na transformação da idéia de "natureza" em mero vestígio histórico diante da artificialização cada vez mais presente em todos os setores da vida. Um terceiro paradigma, na década de 1980, considera estes dois paradigmas, mas propõe a "Transformática" como mais apta a um entendimento adequado das ocorrências do século XXI (chamado de "Era das Próteses").

Palavras-chave

Estudos da Comunicação, Tecnologia, Paradigma, Transformática.

Abstract

In the twentieth century's late 40s (at least) two paradigms for Communications Studies have been outlined. One – critical – regards Technology as the cause of the "oblivion of the being" and of the essential human truths. Another – accelerative – rushes for the "inflation of the reason" and the transformation of the idea of "nature" into a simple historical residue in face of the artificiality increasingly present in every aspect of life. A third paradigm, created in the 80s, considers both of them but proposes the theory of "Transformatics" as able to produce a better comprehension of the emerging facts of the 21th century (so called "Prothesis Era").

Key-words

Communications Studies, Technology, Paradigm, Transformatics.